

AS CONTRIBUIÇÕES DE CECÍLIA MEIRELES PARA A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL

Cristiane Silva Mélo

Mestranda em Educação - UEM

Maria Cristina Gomes Machado

Prof. Assistente do Depto de Fundamentos da Educação - UEM

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão sobre a atuação de Cecília Meireles (1901-1964) na literatura infantil brasileira, com destaque para questões relacionadas à leitura e à literatura na infância. Pressupõe-se que a leitura é um instrumento essencial na vida do homem, sendo que sua aprendizagem e prática possibilitam a ampliação do conhecimento de mundo e o acesso às formas de comunicação necessárias à vida em sociedade, deve, por isso, iniciar-se na educação infantil. A autora destacou a necessidade de escrever especificamente para crianças, com vistas ao seu pleno desenvolvimento. Escreveu artigos jornalísticos, pronunciou conferências, escreveu poesias, livros, peças teatrais e cantigas de roda de maneira que sua produção literária, em especial as direcionadas à infância, é uma referência aos educadores que trabalham a leitura em salas de aula da educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Leitura; Literatura Infantil; Cecília Meireles.

Abstract: This article presents a discussion about Cecília Meireles (1901-1964) performance on Brazilian literature for children, enhancing the issues related to reading and literature in childhood. It is supposed that reading is an essential tool in man's life as its learning and practice make it able to broaden the knowledge of the world and allows the access to the necessary ways of communication for living in society. It must, this way, get started in the child's education. The author, above mentioned, emphasizes the need, indeed, to write specifically for children aiming their whole development. She also wrote some articles for papers, pronounced in conferences, wrote poetries, books, plays and children chants. In this sense her literary production, especially those designed for children is in fact a reference for educators who approach reading inside classroom focusing the education of children.

Keywords: The child's education; Reading; literature for children; Cecília Meireles.

Introdução

Este artigo¹ apresenta as contribuições de Cecília Meireles² (1901-1964) na literatura infantil brasileira, com destaque para questões relacionadas à leitura e à literatura na infância. Nesta discussão, abordam-se as considerações da autora acerca da literatura para crianças, bem como alguns aspectos de suas obras direcionadas ao público infantil.

Cecília Meireles debateu inúmeros assuntos relacionados à educação e à literatura em jornais e conferências. Escreveu poemas e livros para crianças e livros didáticos adotados em escolas, sua atuação de educadora e escritora, envolvida com questões da infância, foi importante no desenvolvimento da literatura infantil brasileira e nas discussões acerca da educação da criança. Tal constatação se evidencia, atualmente, com o crescimento de estudos acadêmicos sobre a obra da autora na área da educação.

Algumas de suas obras, em especial as poéticas, encontram-se presentes em livros didáticos direcionados à educação infantil e ao ensino fundamental. São, constantemente, utilizadas por educadores em sala de aula no trabalho da linguagem oral e escrita e do lúdico, por possuírem características de escritos acessíveis e instigantes aos alunos em processo de aprendizagem, merecem, assim, a atenção dos educadores.

A seguir, apresentam-se reflexões sobre a importância da leitura e da literatura infantil, assim como da indispensável presença e utilidade de tais elementos no universo da criança em processo de aprendizagem escolar. Discutem-se perspectivas de Cecília Meireles quanto às características do livro e da boa literatura, consideradas por ela

¹ Este artigo é uma versão ampliada da Comunicação apresentada, originalmente, no 16º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), realizado na Universidade Estadual de Campinas no período de 10 a 13 de julho de 2007.

² Cecília Meireles, filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles e de Matilde Benevides Meireles, nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901. Órfã de pai aos três meses de idade e de mãe aos três anos, foi criada pela avó materna Jacinta Garcia Benevides. Faleceu em 9 de novembro de 1964 na cidade do Rio de Janeiro. Diplomou-se professora pela Escola Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro em 1917. No decorrer de sua vida, foi professora no ensino infantil, primário, médio e superior, diretora escolar, jornalista, tradutora e produtora de peças teatrais, conferencista, pesquisadora, poeta, autora de livros para crianças, compositora de cantigas de rodas infantis e fundou e organizou, em 1934, a primeira biblioteca infantil pública brasileira no Pavilhão Mourisco, em Botafogo, Rio de Janeiro. Estreou na literatura brasileira em 1919 com o livro de poemas *Spectros*, produzindo, em anos posteriores, diversos textos poéticos e obras em prosa. Escreveu ainda livros didáticos e artigos para jornais (LÔBO, 2002).

significativas na formação das crianças, com destaque aos seus pensamentos acerca da leitura e literatura infantil e a algumas de suas obras produzidas para crianças.

A leitura e a literatura na Educação Infantil.

A leitura e a escrita são instrumentos essenciais na vida do homem, mesmo que vivamos em uma sociedade marcada pela mídia, pela televisão e outros meios de disseminação da cultura. As letras e sua aprendizagem possibilitam a ampliação do conhecimento de mundo e acesso às diferentes formas de comunicação necessárias na vida em sociedade, o uso do computador, por exemplo, exige o domínio da leitura e da escrita. A prática da leitura e a produção da escrita, no âmbito escolar, são iniciadas na pré-escola e fundamentalmente nas séries do ensino fundamental. O trabalho da leitura nas séries da educação infantil é extremamente importante no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional da criança. Contudo, esta não tem ocupado o espaço que merece. A cultura das letras não tem sido tratada com o devido cuidado por boa parte dos profissionais que atuam na educação infantil contemporânea embora haja uma movimentação no sentido de reafirmar sua importância. Destaca-se, independentemente do marcante ecletismo do qual o documento é constituído, o que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 117) disserta a respeito deste assunto:

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais. [...] A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

As instituições e profissionais da educação infantil devem procurar organizar sua prática de forma a promover, pouco a pouco, o interesse da criança pela leitura de histórias; a sua familiarização com a escrita por meio de participação em situações nas quais a escrita se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas e outros materiais; a escuta e apreciação da criança dos textos lidos e das leituras feita pelo

professor; a escolha de livros pela criança para ler e apreciar, entre outros (BRASIL, 1998).

A leitura orientada é um elemento essencial no processo de compreensão do mundo e de comunicação. É por meio da leitura que se tem oportunidades de adquirir conhecimentos e cultura. Ler não é somente um ato de decodificar signos lingüísticos; uma boa leitura pode proporcionar, além de informações, aprendizado para a vida, gosto por ler, diversão, entretenimento, reflexões sobre assuntos importantes, crescimento pessoal, entre outros. A leitura pode possibilitar ao indivíduo obter sua autonomia cognitiva ao adquirir cultura e informações que possibilitam a ampliação de conhecimento de mundo. Sobre a importância da leitura Yunes e Pondé (1988, p. 145) destacam:

Ler é importante para a emancipação do leitor, para um melhor estudo e conhecimento da língua, para o alongamento das experiências pessoais e um maior conhecimento do mundo, para dar prazer. A fruição solitária do livro é um lazer produtivo, pois não se reduz apenas a um passatempo, uma vez que tem função social, cultural e educativa.

O leitor, no momento da leitura, também se transforma em alguém que produz conhecimentos, construindo sua cultura. Para Ezequiel Theodoro da Silva (1986), a leitura não consiste em um processo passivo, porque, com ela, podemos descobrir, recriar, reproduzir, entre outras atividades. O leitor, além de partilhar e recriar referenciais de mundo no momento da leitura, transforma-se em um produtor de acontecimentos pela sua vontade de aprender, por sua compreensão e consciência crítica. Nesse sentido, “[...] ler é um modo não só de conhecer, mas também de praticar a cultura” (SILVA, 1986, p. 26).

O interesse pela leitura e o hábito de ler são expressões de leitores que podem ser desenvolvidas pelos indivíduos na infância. Bamberger (1987, p. 92) afirma que:

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públicas.

O meio social no qual a criança encontra-se inserida exerce imensa influência no desenvolvimento de seu hábito de leitura e em sua maneira de conceber os benefícios e utilidade de torna-se um leitor assíduo.

O despertar do interesse pelos livros passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização. As crianças que não puderem beneficiar-se desse estímulo estarão certamente prejudicadas em relação às demais que, pelo meio familiar e escolar, descobriram a leitura. Assim os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá transformar-se em prazer ou desprazer quase que definitivos [...] (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 56).

Os professores e o ambiente escolar possuem um papel fundamental no desenvolvimento do hábito da leitura escrita dos alunos. Os professores podem, na sala de aula, proporcionar experiências variadas e coletivas de incentivo à leitura, além de apoiar e orientar pais para esta atividade em casa. A leitura escrita deve sempre ser trabalhada na escola como algo dinâmico, jamais ser vista apenas como um processo de decodificação de signos lingüísticos, mas como um meio de desenvolvimento do indivíduo, que pode se transformar em um sujeito mais autônomo e ativo na construção da sociedade.

O professor, na sala de aula, pode orientar e criar condições para que o aluno realize suas leituras e reformule ou amplie seus conhecimentos prévios, que podem ser do senso comum ou até mesmo de caráter científico. Ao trabalhar com a leitura de qualquer gênero de texto, por exemplo, o professor poderá orientar e subsidiar seus alunos para que consigam desfrutar mais do conteúdo do texto, seja indicando de que forma lê-lo ou alertando para certos aspectos, trabalhando com a mensagem do texto e com as diversas interpretações que ele possibilita.

Para Richard Bamberger (1987), a leitura é um meio eficaz de desenvolvimento sistemático da linguagem, do conhecimento e personalidade do leitor, e trabalhar com a linguagem significa, ao mesmo tempo, trabalhar com o homem.

O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenagem da leitura, coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidades de pensamento em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num

treinamento cognitivo de qualidade especial. Esse treinamento cognitivo consiste em trazer à mente alguma coisa anteriormente percebida, e em antecipar, tendo por base a compreensão do texto precedente; a repetição aumenta e assegura o esforço intelectual (BAMBERGER, 1987, p. 10).

Dessa forma, os livros são, além de importantes elementos que portam conhecimentos, imprescindíveis auxiliares de educadores na tarefa de atingir objetivos educacionais. A leitura consiste numa “[...] forma exemplar de aprendizagem” (BAMBERGER, 1987, p. 10), uma vez que o aperfeiçoamento da habilidade de ler acarreta o desenvolvimento da capacidade de aprender como um todo. O indivíduo, no momento da leitura, pode confrontar criticamente suas idéias com as idéias do autor do texto, ato que possibilita a formação de novos conceitos pelo leitor. Pode, ainda, reafirmar seu conhecimento anterior ou, então, mudar seu pensar ou criar novos pensamentos, após a leitura, ao estabelecer relações entre o texto e suas concepções existentes, por meio de uma leitura crítica, que tende a “evoluir” para uma leitura criativa, na medida em que a síntese conduz a resultados completamente novos. Na leitura, destaca-se de o fato do leitor desenvolver sua capacidade assimilatória e de interpretação de conteúdos na passagem para leituras de textos mais longos e de níveis mais elevados. Assim, o ato de ler é “[...] um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto” (BAMBERGER, 1987, p. 10).

Em relação ao trabalho com a leitura e a literatura na educação infantil, é importante ressaltar que esta prática possibilita o trabalho com a linguagem, que, por sua vez, se constitui em “[...] um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento” (BRASIL, 1998, p. 117).

Sendo assim, afirma-se ser importante o professor utilizar textos e livros literários na educação infantil de modo a promover o trabalho com a linguagem oral e escrita; possibilitar a ampliação de conhecimento pelo aluno acerca da variedade de escritos presentes no meio social; proporcionar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional do aluno, assim como o desenvolvimento de sua comunicabilidade e a formação de bons hábitos de leitura. Para tanto, é necessário que a ação do educador

seja embasada por “intencionalidade”, a fim de que os alunos realizem atividades propostas com sentido e sejam partícipes do seu processo de aprendizagem.

Cecília Meireles apontava a necessidade de se ofertar livros de qualidade às crianças (MEIRELES, 2001a). Para ela, a oferta de bons livros ao leitor infantil proporcionava o desenvolvimento de todas as suas habilidades de leitura e também intelectuais. Considerava importante que entregassem às crianças livros com atrativos, que estimulassem a leitura, tivessem boa nitidez e figuras: [...] o livro infantil deve ter um aspecto gráfico perfeitamente educativo: isto é, capaz de estimular todas as faculdades do leitor; porque a ilustração não serve apenas para reproduzir o que vem escrito (MEIRELES, 2001a, p. 120).

Sobre as ilustrações nos livros infantis, Bamberger (1987) aponta que as crianças, antes da linguagem das letras, entram em contato com a linguagem das gravuras. É importante que o material de leitura inicial contenha figuras em grande quantidade, as ilustrações por gravuras exercem imensa atração aos leitores principiantes, elas realçam o texto, enfeitando-o, estimulam o interesse do leitor, dividem estruturalmente o livro e auxiliam a tornar um texto compreensível.

Cecília Meireles considerava que faziam parte da literatura infantil as obras as quais as crianças sentiam vontade de ler e as liam com agrado. Na verdade, o que existia, em seu entender, era uma literatura geral, caracterizada pela literatura oral e escrita, da qual a literatura infantil, juntamente com os demais gêneros, fazia parte. Não era conveniente dividir a literatura infantil em aspectos moral, instrutivo e recreativo, uma vez que estes aspectos não eram isolados, estabeleciam entre si relações fundamentais. De acordo com a autora, na verdade, são as crianças que delimitam a literatura com a sua preferência.

[...] Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas (crianças) se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori”. (MEIRELES, 1979, p. 19)

[...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não. Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente

para ela e outro que o não foi, venha a preferir o segundo (MEIRELES, 1979, p. 27).

Defendia que era preciso colocar à disposição das crianças diversos livros, mas dotados de valor científico, poético e moral. O livro deveria ter assunto útil, posto de maneira agradável para um melhor aproveitamento pelo leitor de sua mensagem. Era preciso, porém, que se ofertassem bons livros, porque, entre “não ler” e “ler” um livro ruim, era preferível não ler. Acreditava na importância do livro na formação do indivíduo, entendia que livro podia ser o “melhor” ou também o “pior” dos elementos de auxílio à educação das crianças. Dessa maneira, afirmava ser preciso que os responsáveis lessem os livros antes de confiarem a elas.

Um livro de literatura infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, têm na infância o melhor tempo disponível da sua vida; que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada, compreenderemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade. Se a criança, desde cedo, fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito (MEIRELES, 1979, p. 96).

Cecília Meireles entendia que as bibliotecas eram locais fundamentais, em que deveria haver imensa e variada quantidade de livros para as crianças escolherem.

As Bibliotecas Infantis correspondem a uma necessidade da época, e têm a vantagem não só de permitirem à criança uma enorme variedade de leituras mas de instruírem os adultos acerca de suas preferências. Pois, pela escolha feita, entre tantos livros postos a sua disposição, a criança revela o seu gosto, as suas tendências, os seus interesses. Compõe-se as Bibliotecas Infantis de todos os livros clássicos, e dos que se vão incorporando a essa coleção. Deviam ser anotadas as preferências das crianças sobre essas leituras, para informação dos que se dedicam ao estudo do assunto (MEIRELES, 1979, p. 111).

Para a autora, a leitura na infância não era um “passatempo” e sim uma “nutrição” (MEIRELES, 1979, p. 28). Era preciso que a criança ocupasse o tempo disponível para leitura com livros que proporcionassem bons momentos de aprendizagens. O dicionário e as enciclopédias, em seu entendimento, eram livros de

qualidade, sendo obras que deveriam estar constantemente presentes na vida das crianças (MEIRELES, 2007).

Posta a fundamental necessidade da leitura e da literatura na infância para Cecília Meireles, observam-se, na seqüência, as características a serem priorizadas no material a ser utilizado.

Características gerais da boa literatura educativa.

Para Cecília Meireles, os livros que proporcionavam um bom aproveitamento de leitura eram aqueles que possuíam conteúdos de qualidade. O conteúdo e a organização do livro eram aspectos que atraíam o leitor e o instigava à leitura. Nem sempre o mais belo livro era o que apresentava um conteúdo rico e harmônico.

Os livros que mais têm durado não dispunham de tamanhos recursos de atração. Neles, era a história, realmente, que seduzia, — sem publicidade, sem cartonagens vistosas, sem os mil recursos tipográficos que hoje solicitam adultos e crianças fascinando-os antes de se declararem, como um amor à primeira vista (MEIRELES, 1979, p. 33).

Embora o conteúdo fosse o fio condutor do livro, isso não impedia de ter atrativos e apresentar gravuras e figuras. As ilustrações, para a autora, como já apontado, exerciam um papel importante na literatura infantil, porque contribuíam no incentivo à leitura do livro, no auxílio à compreensão do texto escrito e no desenvolvimento da percepção da criança.

Seria interessante, também, observar o papel das ilustrações nos livros infantis.

Para os pequeninos leitores, a boa lei parece ser a de grandes ilustrações e pequenos textos. Grandes e boas ilustrações, — pois à criança só se devia dar o ótimo.

Já noutras leituras, mais adiantadas, quando a ilustração não exerça papel puramente decorativo, na ornamentação do texto, talvez se devesse restringir às passagens mais expressivas ou mais difíceis de entender sem o auxílio da imagem — como quando se trata de um país estrangeiro, com flora e fauna desconhecida, costumes e tipos exóticos (MEIRELES, 1979, p. 112).

Para Cecília Meireles, a literatura oral também era importante na cultura dos povos e devia ser valorizada. Ela havia estado presente antes da origem de todos os livros, em momentos em que uma mãe cantava para o filho dormir, nas estórias em que os avós contavam para os netos, nas estórias dos “contadores de estórias”, entre outros. A literatura escrita presente nos livros possibilitava um convívio cultural entre os povos no mundo e um aproximamento de tempos históricos que antes se davam, sobretudo, pela literatura oral. A leitura da literatura oral, no caso o conto, é, na perspectiva de Cecília Meireles, também uma leitura importante para aprendizagem de conhecimentos e culturas, devia ser realizada com mais freqüências pelas crianças.

O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, forma vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas. (MEIRELES, 1979, p. 42)

[...] é a Literatura Tradicional (literatura oral) a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estágio mágico. Ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte de sonho que a criança caminha, tonta do nascimento, na paisagem do seu próprio mistério. Essa pedagogia secular explica-lhe, em forma poética, fluida, com as incertezas tão sugestivas do empirismo, o ambiente que a rodeia, — seus habitantes, seu comportamento, sua auréola. Vagarosamente elaborada, pela contribuição de todos, essa literatura possui todas as qualidades necessárias à formação humana. Por isso, não admira que tenham tentado fixá-la por escrito, e que, sem narradores que a apliquem no momento oportuno, para maior proveito do exemplo, a criança se incline com ávida curiosidade para o livro, onde esses ensinamentos perduram (MEIRELES, 1979, p. 66).

Segundo a autora, o livro de literatura só passou a ter importância e reconhecimento graças aos contribuintes da história oral, que haviam existido no decorrer da história, e que, em maior quantidade, encontravam-se presentes nas cidades afastadas dos centros urbanos. O relato oral, visto como literatura tradicional, havia contribuído e exercido uma significativa influência na cultura literária escrita (MEIRELES, 1979).

Cecília Meireles destacou que, na época, existiam livros infantis que não estavam atingindo o fim desejado que era o de “servir” à criança. Havia livros e

traduções de clássicos de pouca qualidade, em sua perspectiva, escrever para crianças não era uma tarefa fácil, como muitos pensavam. O fato era que diversos escritores seguiam dois extremos ao escrever livros infantis, uns escreviam narrativas “fantásticas”, rebuscadas, e outros escreviam narrativas muito simples, enxergando as crianças como um público pouco exigente. Havia aqueles que escreviam qualquer assunto e não honravam o compromisso de escrever para as crianças, respeitando seus níveis de entendimento em relação ao conteúdo. Imensa quantidade de livros, na verdade, era produzida com fins econômicos. Escrever para crianças estava se tornando uma indústria. Na concepção da autora, os escritores deviam produzir obras com linguagem acessível ao público infantil, respeitando as possíveis dificuldades de sua compreensão aos vocabulários difíceis. Era preciso elaborar livros fundamentados em conteúdos de qualidade e estruturalmente compatíveis com a realidade da criança (MEIRELES, 2001a).

Pode-se fazer um livro extremamente simples — porque há que atender aos recursos limitados de vocabulário, de primeira idade-mas repleto, ao mesmo tempo, desse aroma de poesia que devia ser alimento contínuo da infância. E também se pode fazer um livro maravilhoso — mas sem monstruosidade, condições que muita gente supõe afins (MEIRELES, 2001a, p. 119).

Cecília Meireles entendia que escrever para crianças era ao mesmo tempo um exercício de “ciência” e “arte”. Era necessário que o escritor conhecesse as íntimas condições das crianças, como as características e as possibilidades de compreensão para escolher e organizar tecnicamente o assunto em um belo livro, e ter o dom de fazer um pequeno e delicado escrito transformar-se em uma completa obra de arte, para tanto, exigia-se técnica. Somente unindo o conhecimento acerca do público infantil, o compromisso em produzir uma boa obra literária e o fazer artístico em si, é que o escritor, verdadeiramente, produziria o livro adequado ao leitor infantil (MEIRELES, 2001b).

Mais uma vez se recorda aqui a secura dos livros feitos com o simples intuito de venda fácil: livros que não provêm de nenhuma vocação, que não representam um sonho de comunicabilidade entre os seus autores e os leitores a que se destinam; que se resumem num certo número de páginas impressas, lançadas à sorte, sem uma intenção mais alta, pairando sobre a sua aventura. (MEIRELES, 2001c, p. 137).

A autora considerava que o escritor de livros infantis devia se preocupar com a formação da criança na infância. Escrever era um exercício de poesia, de expor uma beleza interior, inquieta no coração do escritor, bem como passar a fantasia de maneira real, contando estórias idealizadas como se fossem verdades na valorização do lúdico, para o desenvolvimento da sensibilidade emocional da criança.

As origens da literatura infantil brasileira se remetem a obras de literatura didática/escolar desenvolvidas, sobretudo no final do século XIX e início do XX, por educadores do país com o intuito de ensinar as crianças, de forma agradável, valores morais, sociais, regras de conduta, entre outros, concebidos, pelo modelo republicano, como necessários na formação da população nacional (MORTATTI, 2000). Diversos assuntos foram relacionados à cultura escolar urbana, dentre os temas importantes o cultivo da moral era urgente, conectada a essa necessidade, Cecília Meireles escrevia para as crianças.

Em 1924, publicou o livro didático *Criança meu Amor* (MEIRELES, 1977) pelo Anuário do Brasil. Uma obra adotada pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, e aprovada pelo Conselho Superior de Ensino dos Estados de Minas Gerais e Pernambuco (LÔBO, 2002). Destaca-se um trecho desta obra, em que Cecília Meireles, em uma escrita poética e agradável, num tempo de valorização da cultura moral e cívica, apresenta à criança o dever para com a escola. Atribuindo a ele a posição de primeiro dos “mandamentos”:

Devo Amar a Escola, como se fosse o meu Lar
Entrei na escola pequenino e ignorante:
mas hei de estudar com amor, para vir a ser um
homem instruído e um homem de bem.
A escola abrigou-me tão cuidadosamente
como se fosse a casa de meus pais.
A escola deu-me horas de alegria,
sempre que me esforcei trabalhando.
A escola conhece o meu coração,
conhece os meus sonhos, conhece os meus desejos.
E só quero ter desejos e sonhos bons,
nesta casa que respeito como um lugar sagrado,
em que a gente fica em meditação,
para se tornar melhor. (MEIRELES, 1977, p. 19).

Buscavam-se criar novos hábitos, Cecília Meireles e o médico Josué de Castro lançaram, em 1937, o livro didático *A Festa das Letras* (MEIRELES; CASTRO, 1996),

o primeiro volume da série “Alimentação” organizado pela Livraria Globo – antiga Globo de Porto Alegre em colaboração para uma campanha nacional da época (LÔBO, 2002). A alimentação vista como resultante de hábitos que geralmente eram formados na infância, foi o assunto apresentado pelos autores no livro, empregava uma linguagem acessível e instigante. Tinham por objetivo formar e cultivar os bons hábitos alimentares na criança em suas diferentes idades e desenvolvimento, estimulando sua simpatia por alimentos que continham substâncias imprescindíveis a uma alimentação completa e saudável, com os quais a criança ainda não estivesse familiarizada, ou, por questão de hábitos e cultura, não desejasse os alimentos. Buscava-se ofertar à criança os primeiros preceitos de higiene alimentar indispensáveis para a sua vida (MEIRELES; CASTRO, 1996). Didaticamente, utilizavam as letras do alfabeto para apresentar os alimentos às crianças.

Cecília Meireles, em 1939, publicou, pela Globo de Porto Alegre, o livro *Rute e Alberto resolveram ser turistas*, adotado pelas escolas públicas no ensino de Ciências Sociais. A obra foi adaptada para o ensino da Língua Portuguesa em 1945 em Boston (LÔBO, 2002). Destaca-se também a obra *Olhinhos de Gato* (MEIRELES, 1983), publicada em capítulos entre 1939 e 1940 na revista *Ocidente*, de Lisboa, e integralmente em 1980. Consiste em memórias de sua infância, uma narrativa poética autobiográfica (GOLDSTEIN; BARBOSA, 1982). As personagens principais são pessoas que conviveram com a autora, “olhinhos de gato” é a própria autora.

Preocupada com a educação, Cecília Meireles discutiu sobre o ambiente escolar. Destacou que o local onde ocorre a educação é extremamente importante na formação da personalidade do indivíduo. Um ambiente de educação agradável deveria ser sugestivo, rico de inspirações para a infância. A escola precisava ser bonita, limpa e decorada, visto que um ambiente físico limpo, bonito e dinâmico influenciava na formação da criança e contribuía no trabalho do professor, que, muitas vezes, ia para escola sem inspiração, sob o peso da obrigação do dever (MEIRELES, 2001d). Segundo Meireles (2001e, p. 111): “A escola é que sempre nos dirá o que somos e o que seremos. Ela é o índice das formações dos povos; por ela se tem a medida das suas inquietudes, dos seus projetos, das suas conquistas e dos seus ideais”.

A escola, para ela, era o local onde a criança entrava em contato com aprendizagens que serviriam para a vida. O professor influenciava na formação do

indivíduo, possuía o dever de transmitir não apenas o conteúdo, mas o caráter e a moral, sobretudo por meio de exemplos. Era necessário que o professor fosse um indivíduo verdadeiro, sincero e puro, que pensasse, agisse e sentisse corretamente, sendo uma pessoa íntegra para ensinar os caminhos retos às crianças, caso contrário, o professor deformaria a inocência do mundo infantil (MEIRELES, 2001d).

A maior parte das coisas não se ensina com palavras, mas com exemplos. E estas, de relevo moral, que não se podem explicar sem que se lhes tire algo da recatada delicadeza que é seu apanágio, devem ir brotando de uma fonte silenciosa, inundando pouco a pouco a sensibilidade infantil, impregnando-a de persuasões espontâneas, que serão o apoio definitivo para a sua consistência e a sua solidez. (MEIRELES, 2001f, p. 150).

Cecília Meireles foi poeta e educadora, preocupou-se com a aprendizagem e a sensibilidade infantil. Procurou expor em seus poemas sonhos e fantasias do mundo das crianças. Seus poemas direcionados à infância são repletos de rimas e musicalidade, como, por exemplo, o poema *A Bailarina* (MEIRELES, 1990). É importante ressaltar que essas características se mantêm até o presente momento, visto que esses textos, quando colocados ao alcance das crianças, provocam uma reação positiva. É possível visualizar-se certo encantamento de sua parte, mesmo que hoje haja uma grande procura pela televisão, dada a facilidade de entretenimento que ela oferece. A leitura e a imaginação não perderam, ainda, seu caráter educativo e devem, por isso, estar presentes no trabalho de educação infantil na contemporaneidade.

Considerações finais

É vasta a produção literária de Cecília Meireles direcionada às crianças. A literatura infantil sempre exerceu fascínio sobre ela, constituindo-se uma de suas grandes preocupações. Ela fez diversas conferências sobre os Problemas da Literatura Infantil, discutiu este tema em artigos jornalísticos publicados no jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, no qual manteve, ao longo de três anos, diariamente, de julho de 1930 a janeiro de 1933, uma coluna, “Página de Educação”, debatendo a educação, a política e diversos outros assuntos.

Cecília Meireles em diversos artigos defendeu o papel educativo da imprensa, destacando a importância deste veículo na formação do povo. Utilizou o jornal como um elemento educativo em articulação com o próprio sistema escolar. Por meio do jornal, dialogava com os leitores familiarizados com as questões educacionais e buscava novos adeptos à causa da modernização educacional (MAGALDI, 2003).

Cecília Meireles foi defensora dos ideais da Escola Nova. Em 1932, foi uma das intelectuais que assinou o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Documento lançado ao povo e ao governo, no Brasil, com 26 assinaturas de educadores, em defesa da escola pública, gratuita e leiga e de métodos pedagógicos de bases científicas e centrados no aluno. A proposta do Manifesto era a de “reconstrução educacional” no Brasil, com a idéia de educação integral, de co-educação dos sexos e de organização de um sistema nacional de ensino. Previa a criação de creches e jardins de infância para assistência dos alunos na fase pré-escolar. Pregava-se a necessidade de efetivas intervenções do Estado na oferta de uma educação de qualidade à população nacional (MANIFESTO, 1932).

Em 1930, a autora concorreu à vaga para a Cátedra de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal. Numa primeira etapa do concurso, defendeu a tese *O Espírito Vitorioso*, cujo preâmbulo, “A Escola Moderna”, consiste em espécie de elogio à nova educação que se tornava cada vez mais conhecida no meio educacional naquele momento, seguindo-se reflexões sobre a formação do professor (LÔBO, 1996, p. 531). Sua luta se constituiu, sobretudo, na produção e divulgação da literatura infantil.

A leitura e a literatura infantil foram temas debatidos por Cecília Meireles como elementos indispensáveis à formação da criança. A autora destacou a necessidade de uma literatura própria, com determinadas feições, voltada ao público infantil, considerando ser preciso escrever especificamente para a criança, com vistas ao seu pleno desenvolvimento, respeitando, sobretudo, a sua idade, sua fase de desenvolvimento da linguagem e sua habilidade de interpretação e capacidade assimilatória de aprendizagem. Suas idéias vieram ao encontro do ideário de respeito ao desenvolvimento das aptidões naturais dos indivíduos, defendido pelo movimento da Escola Nova no início do século XX. A autora, contudo, pregava a necessidade de uma qualitativa apresentação do material literário para as crianças para incentivar e

impulsionar seu desenvolvimento enquanto um bom leitor interpretativo do mundo no qual faz parte. Ao adulto, em especial aos escritores de livros infantis e aos profissionais da educação, cabia a organização de suas atividades de modo a promover o interesse e a curiosidade da criança pela leitura de histórias. Tal atitude era fundamental no desenvolvimento do hábito e gosto de ler, bem como da compreensão e vivência dos benefícios que uma leitura prazerosa e eficaz, no caso, quando bem “aproveitada”, pudesse proporcionar.

Cecília Meireles enfatizou e propagou a idéia da necessidade da oferta de livros de qualidade aos leitores na infância. Concebia a literatura como importante ferramenta no desenvolvimento da habilidade de ler, como uma forte contribuinte na formação cognitiva, intelectual, moral e de senso de sensibilidade emocional nas crianças.

Referências

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. Conhecimento de Mundo — **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. V. III. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer; BARBOSA, Rita de Cássia. **Cecília Meireles: literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

LÔBO, Yolanda Lima. Memória e educação: O espírito victorioso de Cecília Meireles. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 77, n. 187, p. 525-545, set./dez. 1996.

LÔBO, Yolanda Lima. Cecília Benevides de Carvalho Meireles. In: FÁVARO, Maria de Lourdes; BRITTO, Jader de Medeiros. **Dicionário de Educadores no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 237-247.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Um “compromisso de honra”: reflexões sobre a participação de duas manifestantes de 1932 no movimento de renovação educacional. In: MAGALDI, Ana Maria B. de M.; GONDRA, José G. **A reorganização**

do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003. p. 77-97.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. A reconstrução educacional no Brasil. Ao povo e ao Governo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

MEIRELES, Cecília. **O livro da solidão.** In: Projeto Releituras. Disponível em:

<http://www.releituras.com/cmeireles_menu.asp>. Acesso em: 25 jun. 2007.

_____. Literatura infantil (28/06/1930). In: _____. **Crônicas de educação 4** (Planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001a. p. 119-120.

_____. Livros para crianças (09/11/1930). In: _____. **Crônicas de educação 4;** (Planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001b. p. 121-123.

_____. Livros para crianças III (26/04/1932). In: _____. **Crônicas de educação 4;** (Planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001c. p. 137-139.

_____. **Crônicas de educação 4;** (Planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001d.

_____. Nossas escolas (16/11/1932). In: _____. **Crônicas de educação 4;** (Planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001e. p. 111-112.

_____. Intercâmbio escolar (07/11/1930). In: _____. **Crônicas de educação 4;** (Planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001f. p. 137-139.

_____. A bailarina. In: _____. **Ou isto ou aquilo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **Olhinhos de gato.** São Paulo: Editora Moderna, 1983.

_____. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo: Summus, 1979.

_____. **Criança meu amor.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MEIRELES, Cecília; CASTRO, Josué de. **A festa das letras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. Revista: **Leitura: Teoria e Prática**. Ano 19, n. 36, p. 11-17, dez. 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. São Paulo: Papyrus, 1986.

YUNES, Eliana; PONDÉ. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.